

CINEMA E PSICOLOGIA AUXILIANDO MULHERES NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Alexandre Carbonera

Psicólogo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: <alexandrecarbonera@gmail.com>.

Daiane Gonçalves da Silva

Psicóloga pela UNIVALI. E-mail: <day.goncalvess@gmail.com>.

Maria Isabel do Nascimento-André

Professora do curso de Psicologia da UNIVALI, Itajaí, Santa Catarina, Brasil,
Mestre em Educação Especial (UFSCar). E-mail: <misabel@univali.br>.

Eduardo José Legal

Professor do curso de Psicologia da UNIVALI. Doutor em Psicologia Experimental pela USP.
E-mail: <edujlegal@univali.br>.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar os efeitos de uma intervenção psicológica, estruturada na projeção de filmes cinematográficos e na reflexão sobre o que deles emerge, exibidos e discutidos entre mulheres em tratamento para dependência de substâncias psicoativas, residentes em uma comunidade terapêutica localizada no Vale do Itajaí, estado de Santa Catarina. O método de intervenção foi baseado em um grupo focal e se constituiu na exibição e discussão de filmes cinematográficos norteados por temas preestabelecidos. Para a avaliação dos dados foi utilizada análise de conteúdo. Os resultados apontam que esta estratégia motivou as participantes a continuar o tratamento, bem como possibilitou o resgate de acontecimentos passados e a resignificação destes no presente. Demonstraram, também, que a estratégia vai além dela e reverbera no dia a dia da CT.

Palavras-chave: Cinema, Psicologia, Comunidades Terapêuticas.

A dependência em substâncias psicoativas (SPA) se constitui em um dos maiores problemas de saúde pública da atualidade. Buscar compreendê-la é, portanto, um grande desafio para os profissionais de saúde, o poder público, as instituições religiosas, o sistema educacional, a justiça, enfim, para toda a sociedade. Nos Estados Unidos, 18% de sua população terá algum problema relacionado ao uso de SPA durante a vida (Hochgraf & Andrade, 2006), e no Brasil, dados de 2005 apontam que, em torno de 19,5% da população masculina e 6,9% da população feminina são dependentes de álcool (Carlini et al., 2006).

O consumo e a dependência de SPA têm índices maiores entre os homens, mas percebe-se nas últimas décadas um aumento considerável do consumo destas substâncias entre as mulheres (Wolle & Zilberman, 2011). Levantamentos nacionais confirmam esta tendência, inclusive demonstrando que entre adolescentes o consumo entre os gêneros se equivale, o que significa dizer que se elevarão consideravelmente os índices de dependência feminina em futuro próximo (Carlini, Galduróz, Noto et al., 2002; Carlini, Galduróz, Silva et al., 2006; Laranjeira, Pinsky & Zalesky, et al., 2007).

Os tratamentos disponíveis são direcionados a ambos os sexos, mas tendem a atender com mais eficiência as demandas do público masculino, negligenciando, assim, algumas particularidades femininas (Gomes, 2010). Os autores Bordin, Zilbeman, Figlie et al. (2010) afirmam que mulheres podem se beneficiar de programas terapêuticos que respondam de forma específica às várias dimensões e especificidades de sua problemática, aumentando assim a adesão e a eficácia do tratamento.

Alguns tipos de tratamento disponíveis para os dependentes são a desintoxicação, as estratégias medicamentosas, os grupos de autoajuda, a redução de danos, os tratamentos psicossociais e as internações de longo prazo, estas últimas realizadas principalmente pelas comunidades terapêuticas (CT) (De Bom & Kessler, 2008). Os *settings* disponíveis para o tratamento da dependência em substâncias psicoativas (dependendo da cidade) são os Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD 24 horas), hospitais gerais, unidades básicas de saúde, prontos socorros, ambulatórios, moradias assistidas, hospitais dia, grupos de apoio (Amor Exigente, Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, entre outros), visitas domiciliares motivacionais, acompanhantes terapêuticos, clínicas particulares e comunidades terapêuticas (CT) (Dihel, Cordeiro & Laranjeira, 2011).

As CT são unidades que têm como função o oferecimento de suporte e tratamento em um ambiente protegido, são técnica e eticamente orientadas a atender os usuários abusivos de SPA (Santa Catarina, 2001) e regulamentadas pela resolução RDC nº 29 de 30 de junho de 2011 (Brasil, 2011). Evoluem constantemente e buscam aprimorar seus fazeres. Prova disto é a inclusão de modelos psicossociais no tratamento, como a prevenção à recaída e as técnicas motivacionais, o que auxilia, inclusive, no enfrentamento de comorbidades (Fracasso & Landre, 2012).

Como estratégia complementar ao programa terapêutico, estágios de Psicologia, realizados em uma CT feminina, demonstraram que atividades envolvendo filmes cinematográficos possibilitaram importantes reflexões acerca de aspectos vivenciados pelas residentes (Carbonera et al., 2010a; Gonçalves-Silva et al., 2010b).

Autores se utilizam do cinema para abordar alguns saberes. São exemplos, entre outros, o professor e advogado Nielson Modro, que traz o cinema para falar do Direito e da Educação,

Alexandre Carbonera, Daiane Gonçalves da Silva, Maria Isabel do Nascimento-André, Eduardo José Legal

considerando-o excelente material didático, e a jornalista e socióloga Myrna Silveira Brandão, que propõe os filmes como metodologia de treinamento e desenvolvimento pessoal em uma linha organizacional (Modro, 2006; Modro, 2009; Brandão, 2009). A sétima arte tem funcionado também como aliada na psicoterapia, sendo uma intervenção, conhecida como cinematerapia, por meio da qual o terapeuta indica filmes com o objetivo de que o paciente entenda melhor os seus próprios problemas (Oliva & Filho, 2010).

Sobre os filmes, pode-se dizer que transportam o sujeito para diversas realidades, inclusive a sua, possibilitando, a partir disto, que este possa (re) significar o seu passado, repensando-o no presente (Oliveira, Oliveira & Iguma, 2007). Os mesmos autores ressaltam que o cinema é uma forma de reproduzir e construir a realidade, tecendo a vida cotidiana e, por consequência, as identidades dos sujeitos. Modro (2009) considera que a linguagem visual pode auxiliar o trabalho de diferentes conteúdos, pois os filmes reproduzem e focalizam diversos elementos que se relacionam com os vários campos do saber social, e isto pode e deve ser explorado. Tendo em vista que são escassos os trabalhos que relatam experiências com a exibição de filmes cinematográficos no tratamento da dependência em SPA, e principalmente voltados a dar voz ao público feminino, o objetivo deste estudo foi investigar os efeitos de uma intervenção psicológica baseada na projeção daqueles e na consequente reflexão acerca dos mesmos, entre mulheres em tratamento para dependência de SPA residentes em uma CT.

MÉTODO

ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, sob o parecer número 264/11, seguindo todos os preceitos éticos que devem ser observados em investigações com seres humanos.

LOCAL

A pesquisa foi realizada em uma CT para mulheres, localizada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Nesta comunidade, a proposta terapêu-

tica incide na internação voluntária para o tratamento, com normas internas a serem seguidas, e conta com atividades diversas de laborterapia, educação, lazer, incentivo à religiosidade, acompanhamento psicológico individual e em grupos, assistência social, acompanhamento médico, oficinas profissionalizantes, manutenção de vínculo familiar e apoio na reinserção social.

DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS

Ao iniciar o estudo havia cinco participantes adequadas aos critérios estabelecidos no projeto de pesquisa, sendo que duas prosseguiram até o final dos trabalhos, tornando-se a base deste estudo. Os nomes dados a elas são fictícios. Helena, 50 anos, viúva, estudou até a 8ª série e começou a usar SPA com 11 anos de idade. Utilizou maco-nha, chá de cogumelo, álcool, cocaína injetável e crack. Sophia, 38 anos, solteira, estudou até a 6ª série e iniciou o uso de SPA aos 14 anos. Utilizou álcool, cocaína e crack.

INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS

Antes de se iniciar a pesquisa foi realizado um encontro para apresentar o projeto às residentes, bem como para a assinatura do termo livre e esclarecido. Este primeiro encontro possibilitou que residentes e pesquisadores se conhecessem. Também foram apresentados os temas a serem trabalhados, família, educação, trabalho, religiosidade e lazer. Estes foram selecionados por serem presença constante nos discursos de mulheres em tratamento para a dependência de SPA, realizado nesta CT (Carbonera et al, 2010a; Gonçalves-Silva, et al 2010b). Outros autores também citam a família, o trabalho e a educação como aspectos constantemente citados por dependentes em SPA em tratamento (Bonadio & Duailibi, 2012).

A estratégia do grupo focal foi a que se apresentou como ideal para a coleta de dados, pois é indicada para discutir temas preestabelecidos, é funcional para análise qualitativa das informações e possibilita a identificação de elementos do funcionamento social do grupo, suas motivações e opiniões (Romero, 2000). O número de sujeitos ideal para um grupo focal é aquele que permite a participação efetiva e a reflexão adequada dos temas estabelecidos pelos moderadores (Trad, 2009).

O grupo focal foi dividido em três etapas:

a) aquecimento sobre o tema: neste momen-

to pedia-se às participantes que prestassem atenção a um determinado tema, salientando que ele seria o foco da discussão posterior;

b) exibição de filmes: a etapa do grupo focal responsável pela mensagem que geraria a discussão foi a exibição dos filmes cinematográficos que abordavam os temas propostos pelos pesquisadores. Era intenção deixar o ambiente o mais próximo do que seja uma sala de cinema, e na busca disto utilizou-se um *data-show*, uma tela móvel que media 2x2 metros, caixas de som com amplificador e em um ambiente escuro. Após cada encontro elas escolhiam o tema a ser trabalhado no encontro seguinte, e a partir disto eram oferecidos dois filmes sobre o tema escolhido, e elas decidiam qual queriam assistir. Houve a exibição de sete filmes o que ocorreu entre os dias sete de outubro e sete de dezembro do ano em curso, com intervalos de, aproximadamente, sete dias entre eles.

Ficou assim definida a relação entre os filmes selecionados e os temas a serem debatidos: *Click*: filme de abertura abrangendo diversos temas preestabelecidos; *De porta em porta*: trabalho; *A virada*: religiosidade; *Sonhadora*: família; *O triunfo*: educação; *Antes de partir*: lazer; e *Patch Adams*: fechamento, que abrangia todos os temas já trabalhados até então. Após os filmes havia uma pausa de 15 minutos, sendo os trabalhos retomados a seguir;

c) discussão sobre os temas: finda a pausa era realizada uma discussão direcionada ao tema proposto. Estes debates eram conduzidos pelos pesquisadores, que se revezavam nas funções de moderador e de apoio. As sessões eram filmadas e gravadas, o que possibilitou maior fidedignidade na coleta dos dados. O tempo médio era de 45 minutos e, depois de encerrada a discussão, era preparado um café do qual todos participavam.

ANÁLISE DOS DADOS

Após o término das entrevistas e dos grupos focais, foi realizada a transcrição do material coletado, que posteriormente foi organizado e tratado à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2000), sendo seguidos estes procedimentos: 1) leitura exaustiva de todo o material transcrito para que se pudesse identificar e separar as unidades de sentido, 2) identificação dos discursos que emergiram das reflexões e que se remetiam à estratégia utilizada (projeção de filmes); 3) definição das

unidades de sentido e suas falas correspondentes; 4) produção de texto a partir da interpretação que se deu ao material selecionado e 5) busca do referencial teórico que fundamentasse tais interpretações.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Imperioso relatar que o estudo começou com cinco mulheres, mas que uma deixou a CT durante o intervalo entre o primeiro e o segundo filmes, e duas, entre o segundo e o terceiro. Esta evasão no tratamento da dependência em SPA é frequente e um fenômeno mundial. Estudo realizado em um serviço ambulatorial nova-iorquino embasa esta afirmação apontando que 55% de dependentes de cocaína abandonaram o tratamento nas primeiras quatro semanas. Quando a droga é o crack, os índices de abandono podem ser ainda maiores, como confirma outro estudo nova-iorquino, onde somente 24% permaneceram em tratamento por seis sessões ou mais (Ribeiro & Laranjeira, 2012).

Alguns estudos nacionais apontam que as taxas de abandono do tratamento são em torno de 50% no primeiro mês (Scaduto & Barbieri, 2009; Elbreder, Laranjeira & Siqueira, 2008). Este segundo estudo apontou, ainda, que 13% dos sujeitos abandonaram o tratamento no segundo mês e 6,8%, no terceiro mês, totalizando 69,8% do total. Gonçalves-Silva e Nascimento-André (2012), em pesquisa realizada em uma CT feminina, em que foram analisados dados sociodemográficos de 235 mulheres, referentes a um período de seis anos, apontaram que 69% delas abandonaram o tratamento nos primeiros 30 dias.

A análise das informações levantadas nesta pesquisa apontou para dois caminhos. O primeiro, para o que emergiu acerca dos temas preestabelecidos cujos dados analisados geraram um artigo já publicado em periódico científico (Carbonera, Gonçalves-Silva, Nascimento-André *et al.*, 2013). Neste artigo percebeu-se que a estratégia possibilitou discussões profícuas sobre os temas. De maneira sucinta, os resultados demonstraram que sobre o tema família, o que se destacou foi o desejo das participantes de resgatar seus laços familiares. E mais, frente aos filmes *Antes de Partir* e *Patch Adams*, cujo enredo tratava da morte de personagens, que este resgate necessita de urgência. Sobre o tema religiosidade

Alexandre Carbonera, Daiane Gonçalves da Silva, Maria Isabel do Nascimento-André, Eduardo José Legal

é notória, no discurso das participantes, a valorização de Deus durante o tratamento. Mas o que ficou evidente foi a consciência de que elas devem ter uma posição ativa neste processo. Em relação aos temas trabalho e educação, o que se salientou nas palavras das participantes foi que estes aspectos têm a capacidade de propiciar dignidade, pois possibilitam novos sentidos e valores para a vida delas. O lazer praticamente não fez parte das discussões, nem mesmo no filme direcionado a ele.

O segundo caminho surgiu da parte do discurso das participantes que tratou especificamente da estratégia utilizada. Isto para os pesquisadores é de suma importância, e se configurou como um diferencial de nosso estudo, devido à escassez de trabalhos que relatam todo o processo desse tipo de intervenção a que nos propusemos, ou seja, a utilização do cinema como auxílio no processo terapêutico. Neste sentido, é importante dizer que relatos sobre a estratégia atravessaram todos os encontros do grupo. Três categorias de sentido foram pensadas: cinema instigando a reflexão; cinema motivando o tratamento; e cinema como encontro e além dele.

CINEMA INSTIGANDO A REFLEXÃO

A projeção dos filmes, seus personagens e suas histórias possibilitaram que as participantes se transportassem para seu passado e trouxessem para a reflexão, no aqui e agora do grupo, momentos de suas vidas. Também oportunizou que elas se identificassem com as tramas e com os personagens, sempre realizando pontes entre estes e suas realidades, dentro e fora da instituição. Uma ligação interessante foi feita com a situação proposta no filme *Click*, onde as participantes compararam o controle remoto que o protagonista utilizava para se livrar dos seus problemas, com as substâncias psicoativas que utilizavam pelo mesmo motivo, e que, como no filme, esta escolha trouxe consequências negativas em diversos aspectos de suas vidas.

A partir da reflexão gerada pelas sessões de cinema, observou-se que tanto a percepção quanto as perspectivas se modificaram, ao menos no nível do pensamento. Como exemplo, as palavras de Helena, ao lembrar, a partir de um trecho do filme *A virada*, da situação em que deixou de conversar com sua filha que chegara de uma cidade distante para visitá-la. Ao chegar a sua casa, mesmo vendo a filha que a esperava, optou por ir

para o quarto usar crack por horas, ignorando-a. A emoção que Helena demonstrou na sua fala foi intensa, pois parecia estar revivendo a cena naquele momento. Pensava, então, que a filha jamais voltaria a falar com ela, e que esta relação não poderia ser reatada. Mas suas palavras expressam melhor os sentimentos que emergiram por meio da reflexão sobre o filme:

Aquela hora ali que eu vi que o menino começou a orar pelo pai, mexeu muito comigo sabe. Foi a hora que veio essa lembrança, uma lembrança assim, tem que ter mudança. É horrível ficar pensando assim, na pele dela, o que essa menina não sentiu aquela hora, 'pensasse'? A mãe chegar drogada, bêbada, deixar a filha ali. Tem que ter mudança mesmo, não dá pra ficar assim.

O fato de o filme ter trazido tal lembrança a Helena torna-se compreensível, pois o cinema não apresenta apenas imagens, mas sim, imagens de um mundo possível, imagens-lembrança, imagens-sonho e imagens-mundo que, ao entrarem em cena, constroem “um ponto de indiscernibilidade entre o passado e o presente, o subjetivo e o objetivo, o imaginário e a realidade, o físico e o mental” (Mostafá & Nova Cruz, 2010). Os filmes mobilizaram intensas emoções em Helena, o que pode ser considerado positivo para gerar transformações, pois conforme Sawaia (2003) “uma ideia, uma ação ou um desejo só mudam com uma emoção mais forte”.

A partir das reflexões geradas pelos filmes, novas bases emocionais podem ser construídas e/ou ressignificadas, possibilitando que os sujeitos se sintam autorizados e capazes de criar e realizar seus projetos de vida, seus desejos e sonhos. Nesta direção, um dos objetivos de algumas abordagens psicológicas no enfrentamento da dependência em SPA é criar um espaço de reflexão, onde os sujeitos possam buscar o sentido para suas experiências, e, assim, abrir a possibilidade para desfechos diferentes que não o retorno ao uso das SPA (Brasiliano, 1997).

CINEMA MOTIVANDO O TRATAMENTO

Os filmes motivaram as participantes a continuar o tratamento. E as participantes referiram que, por vezes, a decisão entre ficar e ir embora está nos pequenos detalhes, fato que se apresentava nos discursos das mulheres, como no de Helena, na reflexão sobre o filme *De porta em porta*.

Isso incentiva muito a gente, nós que estamos aqui no tratamento, incentivou muito. Tem, tem a hora de querer desistir, mas não, o negócio é cabeça pra cima e seguir em frente. Não é hora, não está na hora de desistir, está na hora de cada vez aprender mais, e querer mais da vida, pra dias melhores.

Ou como Sophia em *Patch Adams*:

Sempre vai acontecer alguma coisa pra te desviar daquilo, pra te tirar a atenção. Vai da gente querer sair do foco ou não. Aqui a gente aprende muito hoje em dia, mesmo com vocês. Vocês ensinam muito a gente com estes filmes, e isso é pra gente ver que são os pequenos detalhes que a gente vai vendo. Quantas coisas podem acontecer pra afastar a gente do nosso sonho, dos nossos objetivos?

Ressalta-se que quando os dependentes em SPA buscam tratamento, têm uma motivação flutuante, ou seja, por vezes querem muito se recuperar, e, por outras, apresentam o desejo de retornar ao uso de SPA (Silva, Pacheco & Padin, 2012). Os filmes, como se pôde perceber, motivaram as residentes na continuidade do tratamento e se tornaram um importante aliado neste árduo processo. Manter o sujeito na CT até o término do seu tratamento é de suma importância, pois quando isto ocorre as chances de recaída diminuem, chegando ao patamar de 18% após um ano (Fracasso & Landre, 2012). Os mesmos autores citam outro estudo onde o índice de recaída para quem não completou o programa foi de 63%, contra 10% para quem o completou.

CINEMA COMO ENCONTRO E ALÉM DELE

Algo que também despontou no estudo, foi o fato de os filmes permanecerem no imaginário das participantes mesmo após as exibições e reflexões, pois eram lembrados durante a semana, inclusive com os profissionais da CT. As discussões giravam em torno dos personagens e de como as histórias deles inspiravam-nas no dia a dia, auxiliando no tratamento. Sophia deixa isto claro quando reflete sobre o filme *Antes de partir*:

Vem nos reeducando a cada dia, sabe, porque não fica só aqui hoje, a gente comenta a semana toda o filme, a semana inteira. Agora a gente conta para a F. (coordenadora interna da instituição), e ai fica aquele comentário do filme, faz

uma coisa e lembra, ó!!! Tá vendo, lembra do filme. Então assim, é uma coisa que a gente não vai esquecer, é uma ajuda, porque isso tá sendo uma ajuda para a gente, para a gente ver que tem muita gente que passa trabalho, que tinha obstáculos e conseguiu superar.

Este conjunto de afirmações da participante pode ser explicado pelo fato de o cinema proporcionar uma experiência instauradora e plena a quem assiste a um filme. E que o impacto emocional que ele gera tem a capacidade de dizer algo sobre o mundo, sobre o ser humano e sobre a natureza, além de ter, também, um poder cognitivo, persuasivo e argumentativo para o sujeito (Cabrera, 2006). Este impacto do cinema é compreensível, visto que ele “recolhe o essencial das outras artes, herda o essencial, é como o manual de uso das outras imagens, converte em potência o que ainda era só possibilidade”, e mais, a sétima arte é um convite ao pensamento, sendo impossível resistir a tal invitation (Deleuze, 1990).

Outro resultado proveniente desta estratégia foi que ela se tornou algo esperado pelas mulheres. Elas ansiavam pelo sábado, questionando que filme seria exibido, qual o tema a ser discutido, o que os pesquisadores levariam para o lanche, se iriam gostar dos quitutes que elas sempre faziam. Sophia traduz isto na reflexão do filme *Sonhadora*:

(...) então, tanto que já surgiu, sábado, meu Deus, tem que ter o cafezinho, o bolinho, porque o filme vai ser legal, não tem? E assim, tá sendo muito bom pra nós. Eu queria agradecer por vocês acreditarem na gente, que cada momento que vocês passam aqui pra nós é um, sei lá, um incentivo. É bem assim, como vocês acreditam que por vocês estarem aqui perdendo um sábado de vocês não é em vão, eu acho que muito mais gente pode acreditar na gente, não só vocês. Mas a gente fica bem contente.

Ou Helena no filme *De porta em porta*:

Esses filmes incentivam a gente, como vocês incentivam nós, e isto só para ajudar. É muita força sabe, a gente sente a força que vocês trazem.

A valorização pelo encontro, a empatia construída e o incentivo gerado, presentes nas declarações das residentes, encontram eco em Bordin, Figlie e Laranjeira (2010), que ressaltam que habilidades como sensibilidade, sinceridade e empatia são fatores essenciais para o bom e saudável de-

Alexandre Carbonera, Daiane Gonçalves da Silva, Maria Isabel do Nascimento-André, Eduardo José Legal

sempenho de uma proposta terapêutica. Ressaltam, ainda, que estes fatores podem ser mais importantes na relação com dependentes químicos, e que pequenas cortesias como o cuidado com o ambiente onde se dá o encontro, uma boa recepção, um sorriso, uma delicadeza, uma escuta ativa podem ser poderosas.

Ficou claro que o simples fato de os pesquisadores estarem ali era um motivo para que elas se sentissem valorizadas. Era como se a presença deles, seu movimento, seu esforço confirmassem que elas tinham condições para vencer, e isto as estimulava a seguir em frente. Esta demonstração de afeto remete à importância das trocas nestes encontros, pois os sentimentos advindos delas potencializam a capacidade de ação em busca da autonomia e mudança, proporcionando ao sujeito maiores condições de decidir o que é bom para si e o que deve ser evitado (Sawaia, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta de nosso projeto era se o encontro entre cinema e psicologia seria possível no auxílio ao tratamento de mulheres dependentes em SPA, residentes em uma CT. A resposta é sim, desde que realizado a partir de encontros sinceros, trabalhados sob o prisma e realidade das participantes, e com a responsabilidade deontológica e ética dos profissionais. A estratégia não era uma ilha na CT, acontecia paralelamente com os outros trabalhos que eram disponibilizados, e certamente se influenciavam mutuamente.

Esta estratégia trouxe valiosas contribuições às participantes, pois por meio das reflexões advindas dos filmes exibidos, percepções se ampliaram e perspectivas se modificaram, principalmente no que se referia aos temas preestabelecidos e à motivação para o tratamento. Aos pesquisadores trouxe valioso crescimento pessoal e profissional que somente a prática amparada pela teoria possibilita.

Neste sentido, o psicólogo pode contribuir com os seus fazeres, saberes, habilidades e competências, buscando auxiliar estes sujeitos a (re) descobrir e explorar suas potencialidades, adquirindo assim capacidade de conduzir suas vidas, livres de qualquer tipo de dependência. Dentre as diversas possibilidades de atuação do psicólogo dentro da CT, podemos afirmar que ele pode desenvolver e conduzir a estratégia aqui pesquisada.

Este fazer deve ser norteado por encontros onde exista um espaço de “ir e vir” entre passado, presente e futuro dos participantes, para que possam buscar, livremente, respostas para suas angústias e suas perguntas, sentindo-se acolhidos e amparados em suas reflexões e seus anseios.

Em relação às participantes da pesquisa, é necessário e pertinente dizer que ambas finalizaram os nove meses de tratamento, Sophia em dezembro e Helena em janeiro, e passados seis meses do final deste estudo, Helena havia recuperado a guarda de suas duas filhas e estava de mudança com elas para outra cidade, onde tinha planos de residir com sua família, e que ela está firme em seu objetivo de não voltar a usar SPA. Já Sophia, também recuperou a guarda de seus dois filhos e estava trabalhando como empregada doméstica, E, como Helena, continuava sem usar SPA. Atualmente os pesquisadores seguem trabalhando na mesma CT em um trabalho voluntário e fazem um trabalho social com as famílias das residentes

Por fim, fica a mensagem, e talvez a maior contribuição desta pesquisa, de que os filmes não são somente os filmes, eles são o entorno, são os encontros que dão voz; são os sorrisos na chegada e na despedida; o como vai? e o até breve; as lágrimas e as gargalhadas; o bate-papo no cafezinho do intervalo; o muito obrigado. Estes encontros são a ciência em prol do outro na luta contra o sofrimento ético-político do ser humano, e, portanto, ainda mais humana na construção de um ser no mundo mais autônomo e realizado.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bonadio, A. N., & Duailibi, L. B. (2012). Reabilitação vocacional. In: M. Ribeiro & R. Laranjeira (orgs.). *O tratamento do usuário de crack*. (pp. 447-458). 2ed. Porto Alegre: Artmed.
- Bordin, S., Figlie, N. B., & Laranjeira, R. (2010). Como organizar uma história clínica. In: N. B. Figlie, S. Bordin & R. Laranjeira (orgs.). *Aconselhamento em dependência química*. (pp. 185-198). 2ed. São Paulo: Roca.
- Bordin, S., Zilberman, M. L., Figlie, N. B., & Laranjeira, R. (2010). Dependência química na mulher. In: N. B. Figlie, S. Bordin & R. Laranjeira (orgs.). *Aconselhamento em dependência química*. (pp. 395-404). 2ed. São Paulo: Roca.
- Brandão, M. S. (2009). *Leve seu gerente ao cinema: filmes que ensinam*. 2ed. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Brasil. Resolução RDC nº 29, de 30 de junho de 2011. Dispõe sobre os requisitos de segurança sanitária para o funcionamento de instituições que prestem serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas. *Diário Oficial da União*, 2011; 30 jun.
- Brasiliano, S. (1997). Grupos com drogadictos. In: D. Zimmerman & L. C. Osório (org.). *Como trabalhamos com grupos*. (pp. 229-239). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabrera, J. (2006). *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Carbonera, A., Gonçalves-Silva, D., Nascimento-André, M. I. do, Silva, A. F., Maia, A. C. N., Severino, F. R. et al. (2010a). *Relatório semestral de estágio básico em Psicologia*. Centro de Ciências da Saúde. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.
- Carbonera, A., Gonçalves-Silva, D., Nascimento-André, M. I. do, & Legal, E. J. (2013). Dando voz a mulheres em tratamento da dependência de substâncias psicoativas. *Revista de Psicologia da IMED*, 5(2), 109-114. Recuperado em 10 de março de 2014: <http://www.uniad.org.br/desenvolvimento/images/399-1481-1-PB.pdf>.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A. R., & Nappo, A. S. (2002). *I levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001*. São Paulo: SENAD.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Silva, A. A. B., Noto, A. R.; Fonseca, A. M., Carlini, C. M. et al. (2006). *II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país: 2005*. São Paulo: SENAD.
- De Boni, R., & Kessler, F. (2008). Tratamento. *Prevenção ao uso indevido de drogas: curso de capacitação para conselheiros municipais*. (pp.150-163). Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional. Brasília.
- Deleuze, G. A. (1990). *A imagem-tempo: Cinema 2*. São Paulo: Brasiliense.
- Diehl, A., Cordeiro, D. C., & Laranjeira, R. (2011). Organização de serviços de tratamentos em dependência química. In: A. Diehl, D. C. Cordeiro & R. Laranjeira (orgs.). *Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas*. (pp.507-517). Porto Alegre: Artmed.

- Elbreder, M. F., Laranjeira, R., Siqueira, M. M. et al. (2008). *Perfil de mulheres usuárias de álcool em ambulatório especializado em dependência química*. Unidade de pesquisa em álcool e drogas (UNIAD), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo.
- Fracasso, L., & Landre, M. Comunidade Terapêutica. (2012). In: M. Ribeiro & R. Laranjeira (orgs.). *O tratamento do usuário de crack*. (pp. 503-513). 2ed. Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, K. V. *A dependência química em mulheres: figurações de um sintoma partilhado*. (2010). Dissertação de doutorado. Programa de Psicologia social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Gonçalves-Silva, D., Carbonera, A., Nascimento-André, M. I., Silva, A. F., Lançoni Jr, A. C., Lopes, P. H. et al. (2010b). *Relatório semestral de estágio básico em Psicologia*. Centro de Ciências da Saúde. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.
- Gonçalves-Silva, D., & Nascimento-André, M. I. (2012). *Relatório semestral de estágio específico em Psicologia*. Centro de Ciências da Saúde. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.
- Hochgraf, P. B., & Andrade, A. G. de. (2006). A questão do gênero nas farmacodependências. In: T. A. Cordás & F. T. Salzano (orgs.). *Saúde mental da mulher*. São Paulo: Atheneu.
- Modro, N. R. (2006). *Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula*. Joinville: UNIVILLE.
- Modro, N. R. (2009). *O mundo jurídico no cinema*. Joinville: Nova Letra.
- Mostafá, S. P., & Nova Cruz, D. V. Imagem-tempo: o livro-cristal de Gilles Deleuze. (2010). In: S. P. Mostafá & D. V. Nova Cruz. (orgs.). *Deleuze vai ao cinema*. (pp. 19-27). Campinas: Alínea.
- Oliva, V. H. S., Filho, D. Z., & Neto, F. L. (2010). O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro. *Revista Psiquiatria Clínica*, 37(2), 89-95.
- Oliveira, M. L. C., Oliveira, S. R. N. & Iguma, L. T. (2007). O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. *Texto & Contexto Enfermagem*, 16(1) 157-162.
- Ribeiro, M., & Laranjeira, R. O plano de tratamento. (2012) In: M. Ribeiro & R. Laranjeira (orgs.). *O tratamento do usuário de crack*. (pp.183-210). 2ed. Porto Alegre: Artmed.
- Romero, S. M. A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em Psicologia (2000). In: H. Scarparo (org.). *Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas*. (pp.55-78). 2ed. Porto Alegre: Sulina.
- Alexandre Carbonera, Daiane Gonçalves da Silva, Maria Isabel do Nascimento-André, Eduardo José Legal Santa Catarina (2001). Secretaria de Estado da Saúde, Diretoria de Vigilância Sanitária. *Manual de orientações sobre as normas sanitárias para comunidades terapêuticas*. Santa Catarina. 43 p. (Manual GEFES).
- Sawaia, B. B. (2003) Fome de felicidade e liberdade. In: B. B. Sawaia, F. Betto, F. L. H. Nilson, I. M. F. R. Guará, M. S. Rocha, M. S. Cortella et al. *Muitos lugares para aprender*. (54-63). São Paulo: CENPEC.
- Scaduto, A. A., & Barbieri, (2009). V. O discurso sobre a adesão de adolescentes ao tratamento da dependência química em uma instituição de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 605-614.
- Silva, D. P. G., Pacheco, S. L. & Padin, M. F. R. (2012). Entrevista motivacional. In: M. Ribeiro, R. Laranjeira (orgs.). *O tratamento do usuário de crack*. (pp. 351-365). 2ed. Porto Alegre: Artmed.
- Trad, L. A. B.(2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis* [periódico na internet]. 2009. Recuperado em 24 maio de 2012, 19(3): 777-796. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013
- Wolle, C. C., & Zilberman, M. L. (2011). Mulheres. In: A. Diehl, D. C. Cordeiro & R. Laranjeira (orgs.). *Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas*. (pp. 375-382). Porto Alegre: Artmed.

Psychology and Cinema Assisting Women in the Treatment of Substance Psychoactive Dependence

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate the effects of a psychological intervention, structured in the projection of cinematographic films and reflection that emerged from them, shown and discussed among women under treatment for Psychoactive Substances dependence, residents at a Therapeutical Community located in Vale do Itajaí, in the state of Santa Catarina. The method of intervention was based in a focal group, which consisted on the exhibition and discussion of cinematographic films that were guided by pre-established themes. For the evaluation of data, content analysis was used. The results indicate that this strategy had the ability to motivate participants to continue treatment, as well as it enabled the rescue of past events and reframing of these at the present. It also demonstrated that the strategy goes beyond it, and reverberates in the CT's day by day.

Keywords: Cinema, Psychology, Therapeutical Communities.

Recebido em: 25/07/2014

Avaliado em: 01/08/2014

Correções em: 22/08/2014

Aprovado em: 12/09/2014

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira